



**TEMA:** *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

**Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017**

## **PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO, POLÍTICA DE VITALIZAÇÃO DA LÍNGUA KYIKATÊJÊ POR MEIO DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO METODOLÓGICA (PAPIM) NA ESCOLA INDÍGENA TATAKTI KYIKATÊJÊ.**

Áustria Rodrigues Brito (Coordenador do Projeto PAPIM/PROEG)<sup>1</sup> - Unifesspa

**Eixo Temático/Área de Conhecimento: LINGÜÍSTICA E EDUCAÇÃO**

### **1. INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa visa realizar uma assessoria linguística, junto à comunidade indígena Kyikatêjê com vistas à coleta de dados linguísticos (levantamento, seleção e registro de textos em língua indígena, língua portuguesa e literatura) para a produção de materiais didáticos no período de 2015 a 2017. De início, vamos descrever parte das atividades desenvolvidas na Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental e Médio *Tatakti Kyikatêjê* –EEIEFM), ao longo destes períodos.

No período de 2015 trabalhamos com os docentes indígenas com vistas a identificação das práticas de letramentos com relação ao ensino de língua materna na comunidade, atividade que já demonstra uma atitude da comunidade para salvaguardar sua língua. Seguimos os Planos de trabalhos (PT) apresentados a seguir e incluímos outros Planos de Trabalhos (que estão em andamento) para atender as reais necessidades da comunidade e da escola.

Aqui, vamos descrever inicialmente **O PT 1“ Perfil sociolinguístico e atitudes linguísticas da comunidade Kyikatêjê no Sudeste do Estado do Pará”**, foi concluído meados de 2015, e faz parte de minha pesquisa de doutoramento. Essa primeira etapa da pesquisa proporcionou o conhecimento do perfil sociolinguístico da comunidade e conhecimento das atitudes linguísticas do falante em relação a língua portuguesa (LP) e língua indígena (LI).

Com base nessa realidade, construímos uma proposta de trabalho com o principal objetivo de analisar alguns aspectos da situação sociolinguística dos *Kyikatêjê*, focalizando as atitudes destes com relação às duas línguas - Português e *Kyikatêjê*. As perguntas que orientam a nossa intervenção são as seguintes: a) Como se dá na prática, o uso das duas línguas –o Português e o *Kyikatêjê* (com quem se fala, o que se fala, que língua, para quem e onde se fala)? b) quais as atitudes da comunidade *Kyikatêjê* face às duas línguas? c) O que essas atitudes revelam sobre a manutenção ou deslocamento dessas línguas na comunidade em que vivem?

Nossa pesquisa é de natureza multidisciplinar com (1) um viés sociolinguístico, voltado para política e planejamento linguísticos, visando ao fortalecimento de línguas e culturas com base em Calvet (2007), Maher (2007, 2008), Hinton (2001a), Rodrigues (2000) e Monserrat (2006); 2) Contato linguístico, obsolescência, atitude relativa à dicotomia língua e identidade, considerando a situação de uso da língua *Kyikatêjê* e visando identificar as atitudes linguísticas da comunidade *Kyikatêjê* em relação à sua língua indígena. Nesse sentido, foram fundamentais os estudos de Hinton (2001a, 2001b, 2001c.); Maher (2007), Seky (1984).

### **2. MATERIAIS E MÉTODOS**

Para a sistematização dos dados de nossa pesquisa optamos pela utilização dos métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa. Na abordagem qualitativa, torna-se necessária a identificação de muitos fatos e ocorrências do mesmo fenômeno, a fim de conferir maior confiabilidade à análise. Simultaneamente, os dados quantitativos foram interpretados à luz das informações qualitativas observadas durante a pesquisa. Dessa



**TEMA: Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.**

**Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017**

forma, durante a pesquisa utilizamos mais de um procedimento para a coleta de dados e informações, visando esclarecer e validar o material colhido, como será demonstrado a seguir: a) Aplicação do questionário 1 (Q1): foi aplicado em 36 casas da comunidade, e o representante de cada família respondeu ao questionário; b) Aplicação do questionário 2 (Q2): que objetivou o mapeamento das atitudes linguísticas dos falantes.

Ao final da análise de cada questionário, foi realizada a tabulação geral dos dados e, para tanto, construímos planilhas de dados no Microsoft Office Excel, obtendo os resultados de todas as perguntas e justificativas dadas aos questionários pela comunidade *Kyikatêjê*. Em seguida, se quantificou os dados por meio de gráficos e tabelas com estatística descritiva e, por último, procedeu-se à análise e interpretação dos dados, buscando fornecer uma visão geral do perfil sociolinguístico da comunidade alvo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa sociolinguística foi feita a partir de quatro (2) questionários aplicados junto a 47 pessoas, 55% homens e 45% mulheres. O desenho buscou, na medida do possível, ser igualitário entre os sexos para uma maior representatividade de ambas as opiniões (Tabela 1).

Tabela 1- Número de entrevistados por sexo na aldeia *Kyikatêjê*

Sexo	Número de entrevistados	%
Feminino	21	45%
Masculino	26	55%
Total geral	47	100%

Fonte: elaboração própria

Assim, também buscamos dividir igualmente o número de entrevistados por faixa etária (Tabela 2), com exceção da classe que envolve os sujeitos com mais de 60 anos, por essa amostra ter sido menor, devido ao fato de grande parte das pessoas maiores de 60 anos ter saído da comunidade em abril de 2012.

Tabela 2 - Número de entrevistados por faixa etária

Faixa etária	Feminino	Masculino	Total
8-12	24%	27%	26%
13-30	24%	19%	21%
31-45	24%	23%	23%
46-60	19%	27%	23%



**TEMA: Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.**

**Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017**

Mais de 60	10%	4%	6%
Total geral	100%	100%	100%

Fonte: elaboração própria

Da mesma forma buscou-se, dentro do possível, manter esta equitatividade por faixa etária e por sexo (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de entrevistados por faixa etária na aldeia Kyikatêjê

Faixa etária	Feminino	Masculino	Total
8_12	42%	58%	100%
13_30	50%	50%	100%
31_45	45%	55%	100%
46_60	36%	64%	100%
Mais de 60	67%	33%	100%
Total %	45%	55%	100%

Fonte: elaboração própria

**Atitudes dos falantes Kyikatêjê sobre o uso e funções da língua indígena e do Português: Que tipo de língua é mais fácil? Respostas por faixa etária e por sexo (entrevistados na aldeia Kyikatêjê).**

Observamos que o grupo com faixa etária de 46-60 do sexo masculino e feminino e o grupo dos indivíduos com mais de 60 anos, também de ambos os sexos, considera a Língua Indígena (LI) fácil. Este dado é compreensível, pois esse grupo intermediário de 46-60 anos cresceu em uma comunidade que ainda tinha a língua nativa em pleno vigor de uso, além do que era os que tinham mais contato com os “velhos” (mais de 60 anos). Consideramos essa faixa etária como lembradores da língua, pois entendem algumas palavras e frases na LI, mas não falam na língua, e assim como os “velhos”, têm papel de grande importância no processo de vitalização linguística da comunidade. Em relação e as demais faixas etárias consideram a Língua Portuguesa (LP) “fácil”, dado compreensivo, haja vista que foi essa língua que eles adquiriram em primeiro lugar. Resultado do processo de colonização linguística brasileira que obrigou todos os povos indígenas a usarem a língua do colonizador.

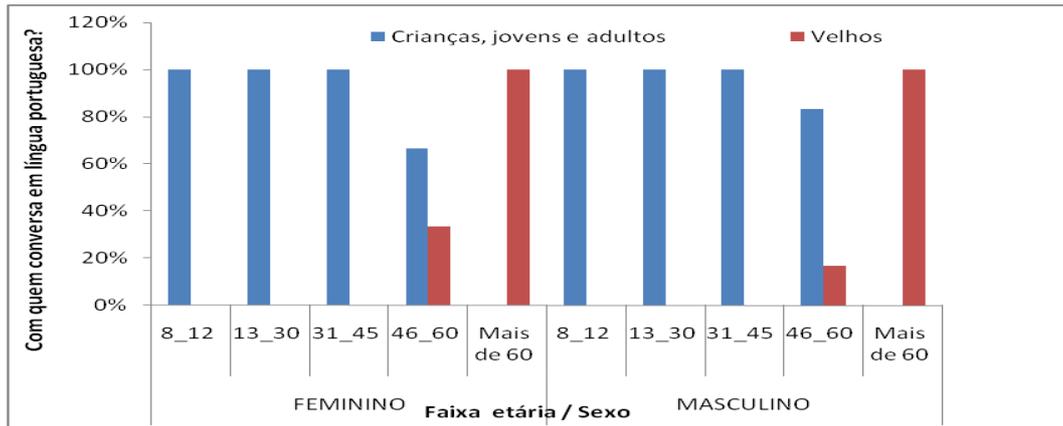
Além disso, no caso específico da comunidade Kyikatêjê, a Língua portuguesa (LP) é a primeira língua ensinada na escola, e é também a mais falada no cotidiano da aldeia, na família e por todos de modo geral, com exceção da primeira geração (com mais de 60 anos) que fala na língua. Ademais, se compararmos a mesma faixa etária 46-60 anos de ambos os sexos, vemos que, no caso dos homens, há uma pequena porcentagem que considera a língua portuguesa fácil de aprender. Isso certamente se explica pelo fato de os homens terem de interagir com os não indígenas, sobretudo em negociações, transações comerciais.



**TEMA: Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.**

**Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017**

Gráfico 1- com quem conversa em LP? Respostas por faixa etária e por sexo por entrevistados na aldeia Kyikatêjê.



Fonte: elaboração própria

No gráfico 1, a Língua Portuguesa (LP) se apresenta como a língua mais falada por todos na comunidade, o que se confirma também em alguns relatos dos entrevistados (questionário 2): ... meus pais em casa falam mais em português, e aí eu e meus irmãos também falamos mais português, acho mais fácil português, gosto que os professores ensinam o português para a gente, para que a gente fale bem (...) se prepare para o vestibular (...) acho um pouco difícil falar na linguagem, eu não entendo muito, só algumas palavras, é muito difícil a língua (Joxanti Jõtumre *Kokaproti*, 12 anos)

Assim, de acordo com Maher (2010, p.40), como “conciliar a necessidade de uma língua de (re) afirmação identitária (língua indígena) com a necessidade de uma outra que traz vantagens econômicas, políticas e sociais no interior da própria aldeia. (Língua portuguesa)?”. Esta é, sem dúvida, a realidade de grande parte das comunidades indígenas do Brasil.

Deste modo, entendemos que além de políticas públicas afirmativas que possam garantir a vitalização dessas línguas minoritárias é necessário também que a comunidade Kyikatêjê (falantes, lembrantes e aprendentes) e a Escola assumam seus papéis no planejamento de ações de vitalização de sua língua, de modo que esta não se extinga.

Nosso projeto vem contribuindo positivamente para formação continuada de docentes da educação básica e discentes pesquisadores do Curso de Letras Português no âmbito do ensino, pesquisa e extensão. Grande parte de nossos alunos egressos e de outros cursos estão realizando Pós-graduação *latosenso* “ Em abordagens culturais: saberes, identidades e diferença cultural na/da Amazônia”, sob coordenação do prof. Dr. Gilson Penalva. O curso vem contribuir para promoção de discussões sobre os aspectos culturais literários, linguísticos e identitários na e da Pan Amazônia. Já conseguimos formar uma turma com 28 alunos em 2015 e em 2017 outra turma já foi aberta. Esse curso nasce também para suprir uma carência do currículo do Curso de letras da década de 90 que não trazia as discussões supracitadas. E há três anos, com a implantação do Mestrado Profissional (PROFLETRAS/UNIFESSPA) estamos recebendo vários egressos que estão desenvolvendo pesquisa - ação no âmbito de sua prática docente. E recentemente aprovado temos o nosso Mestrado Acadêmico que ainda precisa ter seu escopo de pesquisa ampliado, de modo que possa atender as necessidades de nossa região, que exige pesquisas afro-brasileira e indígena.



**Seminário de  
Projetos de Ensino**  
Diretoria de Planejamento e Projetos Educacionais - DPROJ  
14 e 15 de setembro de 2017

**TEMA:** *Os programas institucionais do ensino de graduação como propulsores de uma nova cultura acadêmica.*

**Unifesspa – 14 e 15 de setembro de 2017**

## 1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

2.

Em síntese, os resultados da pesquisa demonstram que a comunidade tem uma situação de extrema vulnerabilidade, já que não há mais nenhum falante da língua minoritária entre crianças, jovens e adultos. Cabe, portanto, à comunidade Kyikatêjê criar seus espaços de ensino-aprendizagem, de fato, valorizando o aprendizado da língua em seu ambiente natural, considerando os vários contextos de interação linguística, de modo que a LP não substitua a LI, mas que sejam consideradas “elos de cooperação e complementaridade entre essas línguas, do ponto de vista de uma ecologia linguística produtiva”. (MAHER, op.cit, p. 41). Acreditamos, pois, que a harmonização das duas línguas no mesmo ambiente propiciará a recuperação dos valores tradicionais da população Kyikatêjê e ajudará também está reconhecer as influências sofridas por essa língua ao longo do tempo, marcando significativamente os aspectos identitários da comunidade.

## 5. REFERÊNCIAS

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma visão crítica. São Paulo: Parábola, 2002 b.

MAHER, Tereza, M. Políticas Linguísticas e Políticas de Identidade: Currículo e Representações de Professores Indígenas na Amazônia Ocidental Brasileira. **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, pp.33-48, Jan/Jun 2010. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol10iss1articles/maher.pdf>>. Acesso em: 12mar. 2014.

MAHER, Tereza, M. Sendo índio em Português. In:Signorini, Inês. (org.). **Lingua(gem) e identidade**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002, p. 115-138.

MONSERRAT, R. Política e planejamento linguístico nas sociedades indígenas do Brasil hoje: o espaço e o futuro das línguas modernas. In:Darlene Taukane...et al. **Questões de educação escolar indígena**: da formação do professor ao projeto de escola. Brasília: FUNAI/DEDOC, Campinas: ALB, 2001, p.127-158. SEKI, Lucy . Problemas do estudo de uma língua em extinção. **Boletim da Abralín**, n. 6,1984, p. 109-118..